Espaço em Revista
ISNN:1519-7816 v. 18, n. 1, jan/jun. 2016. p. 1-10

"GRANDE SERTÃO: VEREDAS": percepções e descrições das paisagens do sertão roseano

Amanda Abadia Felizardo Custodio[1]
amanda.custodio891@hotmail.com

Resumo: Este artigo se apresenta com o objetivo de interpretar a percepção das paisagens presentes no romance de João Guimarães Rosa, "Grande Sertão: Veredas", considerando as experiências vivenciadas pelo personagem Riobaldo. A pesquisa apresenta um caráter essencialmente bibliográfico por meio de livros, artigos, dissertações e teses. De forma que, estudou-se a fundo a obra "Grande Sertão: Veredas", sendo esta a principal fonte de pesquisa bibliográfica, de onde foram retiradas passagens do texto que possibilitaram a análise e reflexão sobre obra, seus personagens e os conceitos ligados ao campo da percepção da paisagem (topofilia, topofobia e toponímia). Além disso, ao longo da obra é possível identificar paisagens que vão se entrelaçando reconstruindo as cenas que envolvem o romance estabelecendo um rico diálogo entre Literatura e Geografia.
Palavras-chave: Paisagem. Sertão. Percepção.

"GRANDE SERTÃO: VEREDAS": perceptions and descriptions of landscapes Sertão Roseano

Abstract: This article is presented in order to interpret the perception of landscapes present on the novel by João Guimarães Rosa, "Grande Sertao: Veredas", considering the experiences lived by Riobaldo character. The research presents an essentially bibliographic through books, articles, dissertations and theses. So that was studied in depth the work "Grande Sertao: Veredas", which is the main source of bibliographic research, from which passages of text were taken that enabled the analysis and reflection on work, its characters and concepts related to landscape perception field (topophilia, topophobia and place names). In addition, throughout the work can be identified landscapes ranging intertwining reconstructing scenes involving romance establishing a rich dialogue between Literature and Geography
Keywords: Landscape. "Sertão". Perception.

1 Introdução

O romance "Grande sertão: veredas" foi escrito por João Guimarães Rosa e publicado no ano de 1956. O livro foi estruturado em uma extensa narrativa oral em que Riobaldo, o narrador-personagem, relata suas histórias, lutas, medos, dúvidas e amores tendo como cenário os sertões localizados nas divisas de Minas Gerais, Goiás e Bahia. Todos os relatos são expostos e permeados por e discussões de caráter filosófico da existência humana como a existência de Deus e o diabo, a luta entre o bem e o mal, trazendo sempre para o centro da discussão a vida sertaneja.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o conceito de paisagem a partir do ponto de vista de quem o experienciou, no caso por meio da percepção do narrador-personagem Riobaldo, além disso, reforçar a interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura.

No presente artigo buscou-se recorrer à relevância da sensibilidade e da subjetividade da percepção humana na forma como se apreende e representa a paisagem vivida. A pesquisa

[1] Mestranda em Geografia na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

apresenta um caráter essencialmente bibliográfico por meio de livros, artigos, dissertações e teses.

A linha investigativa do presente trabalho estruturou-se da seguinte forma: primeiro, estudou-se a fundo a obra "Grande Sertão: Veredas", sendo esta a principal fonte de pesquisa bibliográfica, de onde foram retiradas passagens do texto que possibilitaram a análise e reflexão sobre obra e seus personagens. Em segundo, foi feito levantamento do conceito de Paisagem na Geografia, com especial interesse para as abordagens que possibilitaram o entendimento no Campo da Percepção que proporcionou o diálogo entre Geografia e Literatura.

2 Percepção da paisagem no grande sertão

Para construção da obra o autor fez uso da pesquisa de campo, metodologia de grande valia para a Geografia, para investigar o ambiente sertanejo nos aspectos naturais e sociais. De acordo com Santos (2010):

> Em 1952 Guimarães acompanhou 8 vaqueiros por cerca de 240 KM no sertão mineiro, indo da Fazenda Sirga em Três Marias até a Fazenda São Franscisco em Araçaí, ambas cidades mineiras. Nessa viagem, Rosa fez várias anotações na cadernetinha que trazia ao pescoço, registrando as características paisagísticas, da fauna, da flora, a relação homem/natureza, as expressões culturais através das músicas, danças, jogos, além do falar sertanejo (SANTOS, 2010, p. 34).

E por meio das anotações Rosa (1956) construiu seu romance trazendo para ele diversas formas do universo do sertão que está tão longe, mas ao mesmo tempo próximo. Segundo Lima (2001), Rosa (1956) guia nosso olhar ao longo das trilhas que ele próprio traçou despertando nossos sentidos para percebermos os traçados desta paisagem.

No romance, a paisagem configura-se na região Noroeste de Minas Gerais e o tempo nos finais do século XIX e início do século XX. Historicamente uma região que teve sua geografia e sociedade menosprezadas frente as suas particularidades no contexto nacional. Conforme Santos (2010) um espaço estigmatizado pelo seu atraso econômico, arcaísmo social, político e intensa violência. Aspectos estes que podem ser percebidos ao longo da obra de Rosa (1986):

> "O senhor sabe: o sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! Violência". (ROSA, 1986, p. 19).
>
> "A guerra era o constante mexer do sertão" (ROSA, 1986, p. 41).

> "Morrer em combate é coisa trivial [...], pois o sertão [...] é o penal, criminal [...]". (ROSA, 1986, p. 92).
>
> "O grande sertão é a forte arma. [...] o punhal atravessado na boca, o peito rocando espinhos. [...] e vem pular nas costas da gente, relampeando faca." (ROSA, 1986, p. 178).

A violência e os perigos do sertão eram constantes nas falas de Riobaldo, que narra de forma desconexa em prosa, suas proezas e adversidades de um típico sertanejo revelando as muitas faces do sertão como paisagem natural e paisagem humana.

Ao longo da obra de Rosa (1986) é possível identificar paisagens que vão se entrelaçando fazendo com que o leitor possa, a seu modo, reconstruir as cenas que envolvem o romance. Este diálogo que o autor estabelece entre Geografia e Literatura possibilita a leitura das paisagens sob um aspecto geográfico. Para tanto, se faz necessário compreender que a categoria de análise paisagem é essencial à Geografia, pois proporciona considerações relevantes sobre o espaço geográfico e seus processos naturais e sociais. Santos (1998) afirma que as paisagens são arranjos e formas em um determinado momento, sendo resultados de processos passados que refletem os diferentes tipos de estruturas, onde se encontram as formas reveladas, naturais e artificiais.

Em "Grande sertão: veredas", Riobaldo descreve seu mundo, o sertão, usando como principal referência as paisagens, sendo descritas pela memória. As paisagens mais importantes da obra, o sertão e as veredas, são percebidas e descritas de forma que sugerem uma variedade muito rica de experiências perceptivas e afetivas. Rosa (1986) traz constantemente os relatos das paisagens de Riobaldo com visível saudosismo:

> Revi madrugar, quando esbarramos, na beira duma vereda pagã, por repouso. Aurora: é o sol assurgente – e os passarinhos arrozeiros. Cá o céu tomou as tintas. Aí retoquei muita lembrança madraça, como se estivesse no antigamente. Fez falta foi um café; mas comemos farofa, bebemos gole d'água. [...] Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca. (ROSA, 1986, p. 840).

A percepção dessas paisagens vai se formando pelos sentidos, a partir do momento que se interpreta a caracterização das paisagens que Riobaldo relata em sua narrativa. No momento que se entende, a paisagem como cenário que nos rodeia e participa do cotidiano e as diversas visões, se fazendo necessária a compreensão da importância das diferentes formas de percepção da paisagem.

Segundo Tuan (1980) a forma como cada indivíduo percebe uma paisagem é diferente, ou seja, duas pessoas não percebem uma paisagem de forma única. A percepção é um

processo mental por meio do qual nos relacionamos com o meio onde estamos inseridos a partir de informações transmitidas ao cérebro pelos cinco sentidos (olfato, audição, visão, tato e paladar). As sensações transmitidas por meio deste processo levam em consideração e experiência humana de cada sujeito. Riobaldo constantemente faz menção desses sentidos como forma de caracterizar as paisagens com as quais se deparavam:

> "Mariposas passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma brisbisa. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto". (ROSA, 1986, p. 34).
>
> "O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra". (ROSA, 1986, p. 412).
>
> "Aquela visão dos pássaros, aquele assunto de Deus, Dioadorim era quem tinha me ensinado". [...] Requeijão é com café bem quente que é mais gostoso". (ROSA, 1986, p. 262).
>
> "Otacília penteando compridos cabelos e perfumando com óleo de sete-amores, para que minhas mãos gostassem deles mais". (ROSA, 1986, p. 537).

De acordo com Lima (2001, p. 9) "a percepção de Riobaldo em relação à paisagem sertaneja dos gerais é mostrada em etapas evolutivas" sendo este universo geográfico percebido não somente pela visão, mas também por cada experiência vivida pelo personagem. Seguindo essa linha de pensamento a respeito da percepção da paisagem ser construinda também por meio das experiências de vida, Santos (1998, p. 61) ressalta que "tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc", de forma que uma paisagem é percebida levando em consideração variáveis que vão além do que os olhos captam.

As constantes descrições das paisagens geográficas proporcionam aos leitores da obra a construção de suas próprias percepções sobre as paisagens do sertão narrado, porém mesmo que estas percepções sejam feitas por meio do personagem do livro, cada leitor perceberá estes relatos fazendo uso de suas experiências para a idealização de uma paisagem.

Segundo Machado (2012) paisagem é vivenciada como um prolongamento do próprio corpo e por meio de conquistas sensório-motoras. Uma paisagem vivida não envolve apenas o clima, relevo e a vegetação, os meios de transporte, produção econômica, mas também a experiência diária de pessoas que têm necessidades, emoções e sentimentos. A percepção da paisagem depende de muitos conceitos e experiências que se adquire ao longo da vida, sendo assim a percepção muda de um indivíduo para outro possibilitando as construções da

paisagem seja a partir de sons, imagens ou, como é o caso do "Grande Sertão: Veredas", leituras.

3 Topofilia e topofobia no sertão roseano

A potencialidade de discussão entre a Geografia e a Literatura contidas na obra Rosa (1986) é muito rica, tanto que existem diversos estudos interessados na temática da percepção, buscando analises e leituras geográficas da obra "Grande sertão: veredas". Em muitos destes trabalhos aparecem estudos dos conceitos considerados fundamentais no campo da percepção como: paisagem, lugar, espaço, topofilia e topofobia.

O termo topofilia foi cunhado, primeiramente pelo filósofo francês, do início do séc. XX, Gaston Bachelard, em sua obra "Poética do espaço" (1957) e para definir o termo adotamos a descrição feita pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan em sua obra "Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente" (1980, p. 107) que define topofilia como "todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural", ou seja, é a identificação do indivíduo com o lugar e no conhecimento pessoal de cada um em relação podendo ser lembranças íntimas produzidas pelo meio ambiente natural, que dá sensação de abrigo, assumindo muitas formas variando de amplitude emocional e intensidade.

Antagônico ao termo topofilia é possível empregar o conceito de topofobia, utilizado por Tuan (2005) em sua obra "Paisagens do Medo", que sugere oposição ao conceito de topofilia e aborda questões pertinentes em relação aos medos que podem ser oriundos do contato e da relação homem x meio ambiente. Segundo Tuan (2005), o medo:

> [...] é um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta intuitiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Para o autor, existem muitas paisagens do medo e fazem relação com as experiências de cada indivíduo (TUAN, 2005, p. 10).

Assim, atenta-se que a percepção de um lugar, seja afetiva ou de rejeição, é pessoal, dependente das experiências que uma pessoa traz, a julgar que, em uma mesma paisagem, dois seres humanos, porém com históricos de vida diferentes percebem a paisagem de distintas formas, baseados sobretudo em suas vivências.

De acordo com Guimarães (2002) a gênese de uma topofilia ou uma topofobia, que embora distintas, não se excluem mutuamente, podendo verificar-se em relação a uma só

paisagem a ocorrência destes dois sentimentos opostos, concernentes a uma só pessoa, ou grupo cultural.

Esta simultaneidade da topofilia/topofobia pode ser constantemente identificada no romance roseano nos momentos em que Riobaldo relata aspectos que reforçam sua afetividade pelo sertão, pois em algumas passagens do texto o caracteriza de forma que rejeita e destaca seus medos a respeito do mesmo. Riobaldo assim define o Sertão:

> "Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. [...] Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera, [...] Mas, tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor". (ROSA, 1986, p. 403).

O espaço descrito no romance é onde os sentimentos de topofilia e topofobia se encontram percorrendo toda a obra e emitindo as emoções do sertão. Para Riobaldo o sertão se constituía em paisagens amadas e temidas, porém vividas e experienciadas.

Tuan (1980) afirma que as experiências que temos unem as formas pelas quais a realidade se constrói. E que a afetividade que sentimos ilustra a experiência humana. Os órgãos dos sentidos nos permitem discriminar variações do ver e do sentir havendo uma íntima conexão entre o pensar e perceber. Machado (2002) argumenta que:

> [...] cada pessoa percebe seletivamente aquilo que lhe interessa, aquilo que está habituado a observar de acordo com o seu contexto sociocultural. Trata-se de uma interação com o lugar ou com a paisagem carregada de grande afetividade, podendo a partir daí, julgar se uma paisagem é bela ou feia não apenas pela sua aparência, mas sim, pelas aspirações e necessidades de cada um. (MACHADO, 2002, p. 15).

Rosa (1986) projeta em Riobaldo os símbolos da sua experiência, do seu espaço vivido, das ideias e emoções reveladas na paisagem, conduzindo para uma relação de familiaridade, que interioriza a paisagem como reflexo da vida, unindo elementos e interagindo paisagem concreta e a paisagem da pensada.

4 Toponímia das paisagens

Diante de todas as descrições de paisagens no romance "Grande sertão: veredas" é possível identificar na narrativa referências de paisagens existentes como no caso do Rio São Francisco, que é citado algumas vezes no texto em meio a a outras que se apresentam por meio de nomeações feitas pelo autor, não sendo possível constatar se são de fato paisagens reais. Nesta riqueza de representações aparecem diversos nomes que se encaixam na intenção

de simbolizar as descrições. A respeito da conceituação do termo toponímia Paul Claval (2001) ressalta que:

> a toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costa se as baías das regiões litorâneas foi a primeira tarefa dos descobridores [...]. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns aos outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço". (CLAVAL, 2001, p. 189).

Conforme Dick (1990) o procedimento de dar nomes a lugares é conhecido como toponímia, área de estudos que se ocupa da descrição e da análise dos nomes designativos de lugares. Sendo a nomeação de um lugar é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Ainda de acordo com Dick (1990):

> [...] a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...] vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contido na denominação (DICK, 1990, p. 24).

Dessa forma, um topônimo é um nome próprio ou comum que foi, por um processo deliberado de escolha ou seleção, convertido em designativo de um lugar. A ferramenta de nomeação das paisagens, a toponímia, foi muito utilizada por Rosa (1986) sendo possível identificar, por meio dos nomes os sentimentos topofílicos e/ou topofóbicos e mesmo aspectos físicos da paisagem.

Dick (1990) ressalta que a toponímia é utilizada mesmo na comunicação cotidiana para se referir a vários objetos naturais e artificiais do mundo real, e um mesmo lugar pode ser nomeado de diversas formas por diferentes pessoas. A necessidade de se organizar no espaço de inserção está presente no ser humano desde os tempos primitivos, de maneira que os batismos das localidades se tornaram imprescindíveis.

O batismo dos lugares assim como os nomes próprios de pessoas depende muito dos critérios do indivíduo que observa e nomeia. No caso da obra de Rosa (1986) destacam-se as denominações de paisagens geográficas e para Seemann (2005) denominar um lugar geográfico depende de dois fatores: o sentimento que um lugar possui que o distingue de outros lugares e a utilidade de um lugar para que valha a pena ser denominado.

Assim, durante todo o romance, Rosa (1986) caracteriza diversas paisagens, nomeando e referenciando-as de acordo com seus aspectos naturais e sua experiência vivida, e também a relevância dentro da obra. A exemplo do exposto tem-se a passagem que Riobaldo

ao lembrar-se de sua infância nos indica o valor da toponímia, onde um lugar que havia se chamado “Alegres” teve seu nome modificado, e ainda, alega que os nomes dos lugares deveriam ser sagrados:

> Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas. São Romão todo não se chamou primeiro de Vila Risonha? O Cedro e o Bagre não perderam o ser? O Tabuleiro-Grande? Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu devia de estar sagrado. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de Belém – de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José?! Precisava de ter mais travação. Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele. (ROSA, 1986, p. 52).

Em particular as veredas ou a nomeação do sertão, assumem diferentes paisagens, algumas se apoderam de sentimentos ruins, como as Veredas Mortas:

> Elas tinham um nome conjunto – que eram as veredas mortas. O senhor guarde bem. No meio do cerrado, ah, no meio do cerrado, para agente dividir de lá e ir, por uma ou por outra, se via uma encruzilhada. Agouro? Eu creio no temor de certos pontos. Tem, onde o senhor encosta a palma – da – mão em terra, e sua mão treme pra traz ou é a terra que treme se abaixando. Agente joga um punhado dela nas costas – e ele cheira a outroras [...] Uma encruzilhada, e pois o senhor vá guardando [...] Aí mire e veja: as veredas – mortas [...] Ali eu tive limite certo. (ROSA, 1986, p. 571).

As Veredas Mortas adotam esse aspecto negativo por ser o lugar onde o personagem Riobaldo tenha feito um possível pacto com o demônio. Há também a denominação de outras Veredas já com a incorporação de aspectos positivos como a Vereda do Alegre, local onde Riobaldo e seu bando se encostaram para repouso:

> Talmente, também, se carecia de tomar repouso e aguardo. Por meios e modos, sortimos arranjados animais de montada, arranchamos dias numa fazenda hospitaleira na Vereda do Alegre, e viemos vindo atravessando o Pardo e o Acari, em toda a parte a gente era recebida a bem. (ROSA, 1986, p. 71).
>
> Medeiro Vaz, em lugares assim, fora de guerra, prazer dele era dormir com camisolão e barrete; antes de se deitar, ajoelhava e rezava o terço. Aqueles foram meus dias. Se caçava, cada um esquecia o que queria, de de-comer não faltava, pescar peixe nas veredas... O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar. (ROSA, 1986, p. 31).

Essa denominação e as referências das Veredas discorrem por toda sua obra, são inúmeras as Veredas mencionadas como: Vereda da Vaca Preta, Vereda do Alegre, Vereda Saco dos Bois, Vereda da Vaca Mansa de Santa Rita, Vereda Funda, Vereda do Enxu, Vereda Grande, Vereda do Vitorino, Vereda da Aldeia, Vereda Meã, Vereda do Porco-Espim.

Contudo, podemos evidenciar que os topônimos são importantes instrumentos para a compreensão da obra roseana, através deles podemos permear o espaço do Sertão, nos situar nas paisagens, e principalmente apreender a composição de seus personagens, assimilando suas identidades através da memória sertaneja.

5 Considerações finais

Ao longo do romance "Grande sertão: veredas" é possível perceber a multiplicidade de saberes e estudos que podem ser extraídos, mas a Geografia e as análises das paisagens percebidas por Riobaldo se fizeram mister neste artigo. Rosa (1986) trás uma gama de elementos que facilmente podem ser adaptados a Geografia, conseguindo narrar de forma genial as paisagens, os lugares, os espaços do sertão como participantes da estória contada por um sertanejo (Riobaldo) e ainda discutir problemáticas universais ao ser humano como a fome, a pobreza e a existência, ou não, de Deus.

Assim, ao se analisar o espaço de "Grande sertão: veredas", pela esfera geográfica, verifica-se que os homens e as paisagens não são partes isoladas existindo assim, relações de dependência de um para outro. De forma que, a paisagem sertaneja retratada é a composição da vida e da identidade dos personagens.

Rosa (1986) constantemente recorre a referências estética e afetiva para tornar a sua narrativa mais vívida ao seu leitor. Neste sentido, o intuito foi analisar e reconhecer na obra o valor de significar as paisagens que compõe o sertão roseano e mostrar como são codificadas, não somente pela realidade concreta, mas também pelos processos mentais de percepção.

Portanto, as paisagens vão ao longo do livro "Grande Sertão: Veredas" se dinamizando, processo este gerado pelo caminho percorrido pelos personagens, significando as transformações da vida por consequência das suas experiências e percepções de mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, K. S. **Toponímia e ensino**: uma interface interdisciplinar. In: PINHO, M. J.; ANDRADE, K. S; RAMOS, D. V. Ensino de língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares. Goiânia: PUC, 2011.

BACHEKARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (A primeira edição é de 1957).

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental**. Geosul, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, jan./jun. 2002.

LIMA, Solange T. **A Percepção da paisagem do Grande Sertão**: Veredas. Programa e Resumos, II Seminário Internacional Guimarães Rosa, 27 a 31 de agosto de 2001, CESPUC-PUC/MG, Belo Horizonte, p.114.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. **Percepção da paisagem, conceituação, observação, descrição, vivência** - volume 9 - D22 - Unesp/UNIVESP - 1a edição 2012 graduação em Pedagogia.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Joubert Antônio dos. **Paisagem e paixão em "Grande Sertão**: Veredas". 2010. P. 101. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2010. Versão digital disponível em: <http://www.novoscursos.ufv.br>.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 61-71.

SEEMANN, Jörn. **A Toponímia como construção histórico-cultural**: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. Vivência. Nº 29, 2005, p. 207-224.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Geografia e trabalho de Campo**. In: Geografia Física Geomorfologia: uma (re)leitura. Ijuí: Editora da UNIJUI. (no prelo). 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel. 1980. 260 p.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo.** São Paulo: Editora da UNESP, 2005.